

UMA REFLEXÃO SOBRE O ATO DA ESCRITA A PARTIR DE REDAÇÕES DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO¹

Igo Marques Galindo²

RESUMO

Este trabalho tem como ponto de partida análises de redações de alunos do terceiro ano do Ensino Médio, de modo que seja possível identificar nas entrelinhas dos textos aspectos cognitivos, sociais e gramaticais que revelam o grau de entendimento que os alunos têm sobre saber escrever. O artigo faz um breve passeio pela Linguística, desde Saussure, com sua teoria estruturalista, passando por Bakhtin e sua teoria dos enunciados como base de todo texto, Benveniste, com a questão da personalidade e da referenciação essenciais ao enunciado, indo até as mais atuais discussões que regem as teorias de ensino e aprendizagem com estudiosos como Marcuschi, Soares, Bernardo etc., que contribuíram de forma singular para o processo de análise do *corpus*, levando em conta, especialmente, o caráter sócio-cognitivo deste artigo. Nesse sentido, esperamos rever conceitos sobre teoria e prática; contribuir para o ensino de língua portuguesa de modo que o aluno consiga perceber-se como ativo e passivo em todo o processo de letramento textual, especificamente da escrita, isto é, entender-se como leitor e autor, influenciado e influenciador; trazer ao trabalho uma discussão mais ampla do que uma análise de apontamento de “erros” na construção dos textos dos alunos.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Letramento textual.

RESUMEN

Este trabajo tiene como punto de partida análisis de redacciones de alumnos del tercero año del Enseñanza Media de modo que sea posible identificar en las entrelineas de los textos aspectos cognitivos, sociales y gramaticales que revelen el grado de comprensión que los alumnos tienen sobre saber escribir. El artículo hace un breve paseo por la lingüística desde Saussure, con su teoría estructuralista, pasando por Bakhtin y su teoría de los enunciados como base de todo texto, Benveniste con la cuestión de la personalidad y de la referenciación esenciales a el enunciado, indo hasta las más actuales discusiones que rigen las teorías de enseñanza y aprendizaje con estudiosos como Marcuschi, Soares, Bernardo etc. que contribuyeron de forma singular para el proceso de análisis del *corpus* teniendo en cuenta, especialmente, el carácter socio cognitivo de este artículo. En este sentido, esperamos revisar conceptos sobre teoría y práctica, contribuir para la enseñanza de lengua portuguesa de modo que el alumno consiga percibirse como activo y pasivo en todo el proceso de letramiento textual, especificamente de la escrita, esto es, comprenderse como lector y autor, influenciado e influyente, traer a el trabajo una discusión más amplia que una análisis de apuntamiento de “errores” en la construcción de los textos de los alumnos.

Palabras clave: Enseñanza. Aprendizaje. Letramento textual.

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo F. Soares, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Inaldo F. Soares. Junho/2019.

² Licenciando em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: igogalindo@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma característica observável nos seres humanos é sua inquietação. A inquietação típica humana desenvolveu a ciência, a tecnologia, as ideologias sociais, os processos agrícolas etc. O ser humano é um rebelde, um questionador, um anarquista. Como o ser humano foi capaz de desenvolver tudo isso certamente tem a ver com o surgimento da comunicação verbal e da escrita. O desenvolvimento desta última, inclusive, permitiu que o conhecimento fosse registrado de forma concreta e atemporal, levando às novas gerações a oportunidade de consultar os registros escritos, inclusive para questioná-los e/ou atualizá-los a partir de novas concepções teórico-científicas.

O aperfeiçoamento das estratégias comunicativas levou a questões científicas importantes que deram origem à Linguística, enquanto ciência da linguagem. O *status* de ciência trouxe para os estudos linguísticos avanços importantes também para os campos da Psicologia e da Sociologia. Ao longo dos anos se percebeu que a linguagem é produto do meio social e da individualidade dos seres, teoria vigente nos dias de hoje e que rege os processos de ensino e aprendizagem nas escolas. A necessidade crescente de se afirmar através da linguagem e criar meios de atingir os objetivos comunicativos dos indivíduos sociais exigiu que o poder público passasse a considerar o ensino de língua como algo inegável e inadiável.

O ensino de língua portuguesa se tornou oficial apenas no século XIX e, de lá para cá, vem passando por muitas discussões nos processos de ensino e aprendizagem. É sabido que seu ensino no Brasil nem sempre foi resultado da iniciativa pública. Desde a colonização, o ensino de uma determinada língua tinha propósitos bem definidos, seja por doutrinação religiosa –os jesuítas foram considerados historicamente os primeiros professores do Brasil, mesmo que de forma catequizante –, seja pela diferenciação das camadas sociais, já que aprender a ler e a escrever era algo que somente famílias tradicionais de influência política e econômica no país poderiam usufruir, inclusive como forma de diferenciá-los das camadas populares. Somente no século XX, foi criada a escola pública para alfabetizar a massa. Ainda resultante de todo esse conceito de diferenciação de camadas sociais, o ensino público é seriamente discutido por sua qualidade, ou melhor, não qualidade. Historicamente, tudo o que é público, do povo, tende a ser inferior. O maior desafio da educação brasileira é quebrar esse paradigma e reduzir as diferenças sociais.

Como bem diz Gustavo Bernardo (2012, p. 9-10),

Séculos atrás, os artistas pintavam para um mecenas, os padres redigiam seus estudos teológicos para um papa. Hoje, os autores procuram público, procuram chegar suas ideias e suas imagens a muitas pessoas, quanto mais melhor. Na escola, entretanto, os séculos de lá atrás continuam presentes; escrevemos para um leitor só, o professor, que por sua vez não nos responde, não nos escreve de volta [...].

Nesse sentido, desenvolver nos alunos suas competências linguísticas é fundamental para sua atuação social, para romper barreiras e mudar os rumos da educação do país.

Esse mesmo autor, em sua obra escrita e publicada em 1985, após as novas tendências sociais da Escola Nova e das novas discussões sobre o ensino, traz um desabafo e vem tocar em um ponto sensível em todo esse processo: o aluno. As discussões anteriores e as atuais entendem que o papel desse indivíduo mudou, ele agora é sujeito ativo direto em todas as etapas de ensino e aprendizagem. Dar esse novo olhar é um avanço; se antes os professores eram detentores exclusivos de conhecimento, hoje os alunos e os professores compreendem que a aprendizagem está vinculada diretamente ao social e às experiências individuais. Por outro lado, entender não é o bastante. Segundo Bernardo, alguns mitos ainda existem no imaginário social, tais como “escrever é um dom”, “escrever é questão de técnica”. O que o autor faz questão de desabafar é que esses “mitos” se fortalecem e dificultam o aprendizado de alunos que têm acesso a isso. Para Bernardo, o problema está em “quando o aluno tem de escrever e não sabe como começar. Na realidade, não sabe nem como começar, como fazer o meio e como terminar”. (2012, p. 10)

O saber escrever é algo construído a partir da consciência do *eu*. Essa consciência traz ao indivíduo a percepção de seu papel singular no mundo. Só existe um *eu*. A partir da conscientização de sua individualidade, é possível perceber que existe um *tu*, ao qual esse *eu* se dirige e se difere, como bem escreveu Benveniste (1988; 1999). Essa percepção dos agentes pronominais é a base para as concepções interacionistas. Nas concepções interacionistas, o enunciado é a base do discurso, e as categorias pronominais *eu* e *tu* criam realidades concretas no tempo e no espaço em que se realizam, sendo, portanto, essenciais no desenvolvimento do enunciado. Um texto é meramente um enunciado, mas um enunciado carregado complexamente de discursos anteriores, carregados, por sua vez, por experiências de *eu*'s e *tu*'s em determinado tempo e espaço. Todo esse processo cria a Referencialidade, conforme Benveniste. Não há enunciado sem referenciais.

Nesse sentido, entendendo que os discursos são sempre atualizações de discursos anteriores, é essencial incentivar nos alunos a consciência de que textos não são escritos aleatoriamente, mas a partir de referenciais que encontram nas leituras que fazem de outros textos, de suas experiências enquanto seres sociais. É o que propõe Gustavo Bernardo quando cita os mitos existentes ainda hoje no imaginário social.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos sobre o desenvolvimento da linguagem e os processos enunciativos, que permitem a comunicação entre dois ou mais falantes, surgiram de um longo processo de amadurecimento de teorias linguísticas, psíquicas e sociais, a partir da observação da natureza da linguagem e dos processos de funcionamento da língua e dos seus usos.

Os estudos linguísticos avançaram consideravelmente ao longo do século XX até os dias de hoje, e trouxeram à Linguística o *status* de ciência, especialmente após a divulgação da obra *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916. Embora de inegável importância, a teoria estruturalista de Saussure se limitava ao estudo da organização sistemática da língua, que, embora considerasse o caráter social desta, não se detinha à instância de sua realização no discurso. Conforme Marcuschi (2008, p. 32), “a forma era o resíduo estável da convenção social, e o discurso era o plano da fala individual que poderia variar enormemente e não poderia ser o objeto de uma análise controlada”.

Ao desenvolver do mesmo século, com o fortalecimento da Sociolinguística, da Psicolinguística etc, o campo de investigação da linguagem se ampliou. O seu caráter social e a capacidade de um indivíduo portar-se como sujeito ativo através da língua, e tornar-se competente para as suas atividades comunicativas é um dos pontos que guiam este trabalho.

Simpático a isso, amarramos à concepção sociolinguística da linguagem o entendimento do enunciado, segundo Bakhtin, como base para a manifestação dos gêneros, nas palavras do autor, “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 272). Tomando por base o enunciado, emendo as considerações de Benveniste (1988), que considera a enunciação como processo essencial para as relações discursivas das categorias de pessoa (eu e tu), de tempo e de espaço. Segundo o teórico, “a enunciação é o colocar em funcionamento a língua através de um ato individual de utilização” (p. 82).

Produzir um texto, escrito ou falado, é um processo recorrente que dispõe de interlocutores (MARCUSCHI, 2008), propósito comunicativo e um sistema estruturado de

signos linguísticos que os nomeia e dá significado – a língua (SAUSSURE, 2006), ou seja, o enunciador, a intenção comunicativa e o meio pelo qual se realiza essa interação. Soma-se a isso a necessidade de definir um agente comunicativo, um sujeito, quem toma em primeira instância o ato enunciativo, em contraposição a um outro sujeito, desta vez o receptor, quem decifra o enunciado e dá continuidade ao processo comunicativo (BENVENISTE, 1988; 1989). O que se pode entender, *a priori*, é que a produção de qualquer texto exige, necessariamente, *quem fala* (escrita ou oralmente), *para quem se fala*, *como se fala* e *por que se fala*.

Sob essas premissas, podemos considerar que todo texto está inserido em um determinado gênero que, segundo Marcuschi, “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos [...], fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social”. (apud DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A.; 2007). A apropriação de gêneros textuais contribui para o nosso desempenho linguístico e reflete nossa atuação nos processos enunciativos, proporcionando melhor desempenho nas atividades sociais.

Sob tais considerações, as redações dos alunos – objeto de estudo deste artigo – deverão mostrar o grau de intimidade desses alunos com os seus textos e, conseqüentemente, com a apropriação de textos escolares como a dissertação.

2 METODOLOGIA

A análise dos textos deste trabalho está relacionada ao comportamento do eu na criação do discurso; como os alunos escrevem e se posicionam a partir do gênero redação.

Para a confecção deste artigo foram analisadas treze redações de alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Os textos foram analisados sob critérios específicos de avaliação, ou itens avaliativos, que estão relacionados a dois aspectos diferentes, que são:

1) Aspectos composicionais

1. Apresentação de argumentação com dados relevantes: o aluno trouxe ao seu texto dados extraídos de fontes reais para enriquecer e, sobretudo, dar legitimidade ao que escreve.
2. Amarração entre parágrafos: o aluno foi capaz de finalizar um parágrafo e iniciar outro integrando-os minimamente, mesmo que não tenha trazido dados relevantes.

3. Apresentação de solução ou sugestão de mudança: o aluno foi capaz de concluir seu texto apresentando uma solução ou sugestão, mesmo que não de forma argumentada e/ou relevante.

2) Aspectos discursivos:

1. Capacidade de crítica contundente: o aluno foi capaz de trazer ao texto um posicionamento crítico bem baseado e argumentado.
2. Manutenção da ideia central: o aluno foi capaz de manter o seu texto, do início ao fim, sob mesmo tema ou sob mesma ideia central ainda que não tenha apresentado boa argumentação ou posicionamento crítico.
3. Apropriação e uso da categoria de pessoa “eu”, consciente ou inconscientemente: o aluno foi capaz de manter a pessoa do discurso durante todo o texto, seja de forma distanciada – o “eu” inserido no “nós” ou sob uso da partícula apassivadora “-se” – seja em primeira pessoa.

Para tanto, entende-se por *aspectos composicionais* as características formais de escrita do gênero redação, nesse caso, os textos foram analisados a partir da apresentação de argumentos válidos fazendo uso de resultados de pesquisas sociais, reportagens, dados oficiais etc., não apenas de opiniões estritamente pessoais; atendo-se ainda à confecção dos parágrafos e à integração entre eles; e à conclusão, que deve apresentar uma solução ou sugestão de mudança ao problema discutido no texto. Entende-se por *aspectos discursivos* as características ideológicas do texto, aquilo que o aluno, em suas experiências sociais e de leitura, foi capaz de agregar e dar a ele valor concreto.

Os critérios específicos apresentados anteriormente serviram de base para a classificação das redações em boa, regular e fraca. Essa classificação se fez necessária para dar ao trabalho maior flexibilidade às análises e proporcionar ao leitor maior clareza ao que este artigo se propõe discutir.

A partir das análises das redações, três textos foram considerados bons, quatro foram considerados regulares e seis foram considerados fracos. A fim de exemplificação nesse artigo, consideraremos apenas três textos considerados regulares e três considerados fracos. Considerar-se-á um texto bom aquele que apresente os aspectos 1.1, 2.1 e 2.3, pelo menos, das classificações especificadas anteriormente. Os textos considerados regulares apresentam os critérios 1.1 e 2.3, pelo menos. Os textos considerados fracos apresentam um ou nenhum dos critérios de avaliação anteriormente citados ou não são conseguiram manter regular a

posição de quem escreve no discurso, além do mais, o texto não apresentou dados relevantes que pudessem trazer maior concretude ao tema.

3 AVALIAÇÃO DOS TEXTOS

De acordo com os critérios específicos de avaliação e para melhor visualização desses itens nas descrições que serão feitas mais adiante, foi criado o quadro a seguir que resume as classificações dos textos analisados.

CLASSIFICAÇÃO	ITENS AVALIATIVOS	
	Aspectos Composicionais (1)	Aspectos Discursivos (2)
BOM	1.1 Argumentação com dados relevantes	2.1 Discurso crítico 2.2 Regularidade da pessoa do discurso
REGULAR	1.1 Argumentação com dados relevantes	2.3 Regularidade da pessoa do discurso
FRACO	O texto não apresentou dados relevantes que pudessem trazer maior concretude ao tema.	O texto não apresentou dados relevantes que pudessem trazer maior concretude ao tema.

Quadro 1. Descrição dos itens avaliativos que classificam os textos em bom, regular e fraco, com base nos aspectos descritos anteriormente na página 5 deste artigo.

Os aspectos composicionais sugerem características indispensáveis ao gênero escolar redação, tais como dados informativos devidamente legitimados seja por instituições oficiais, seja por resultados de pesquisas científicas ou sociais; coerência entre os parágrafos, que aqui se chamou de “amarração” e apresentação de uma solução ou sugestão de mudança por parte de quem escreve. Pode-se dizer que os aspectos composicionais são características não-maleáveis.

Os aspectos discursivos, como sugere o nome, estão relacionados ao discurso produzido por quem escreve. Nesse sentido, características tais como a capacidade de opinião própria, de um posicionamento crítico do aluno; a manutenção da unidade temática

e a regularidade na eleição da pessoa do discurso. Esta é uma característica importante não apenas para o eficiente desempenho no gênero em questão, mas revela o grau de intimidade que o aluno tem com a escrita.

Apresentaremos a seguir as redações dos alunos para que sejam discutidos os aspectos que resultaram em suas classificações como bons, regulares e fracos, respectivamente.

3.1 Sobre os Textos Considerados Bons

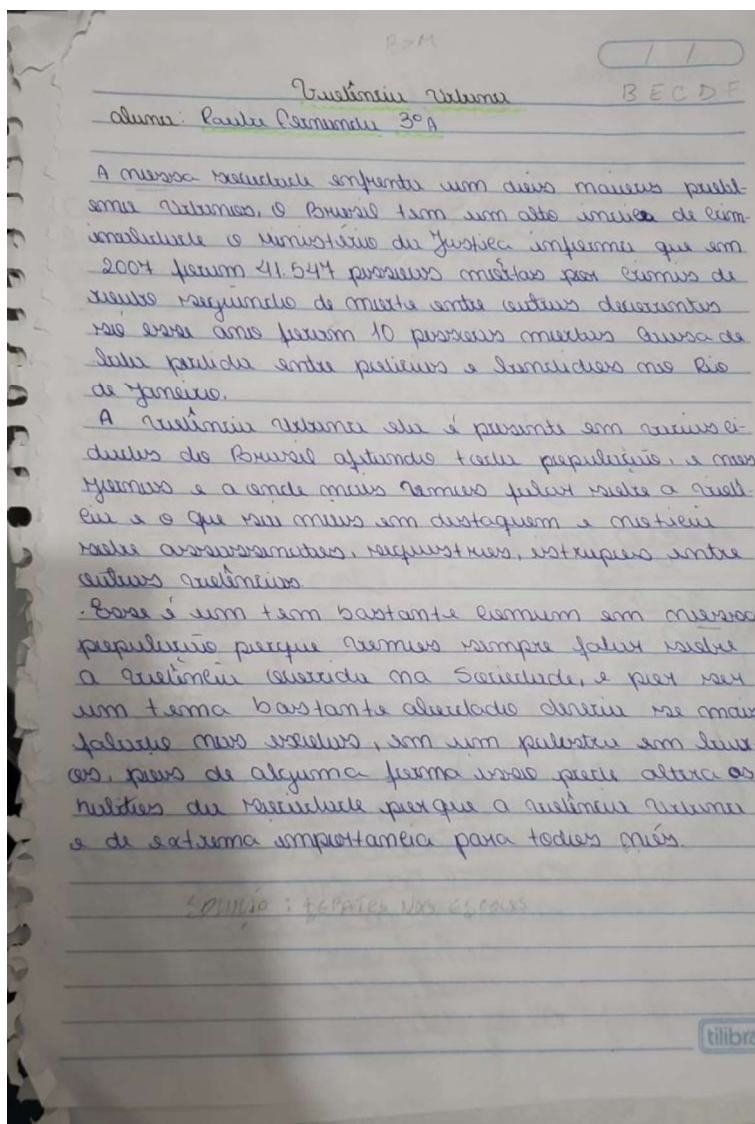


Figura 1

No texto da figura 1, o aluno apresentou no primeiro parágrafo dados reais retirados do Ministério da Justiça com valores estatísticos de determinado ano. Nesse caso o aluno cumpriu com o item 1.1 dos critérios de avaliação, isto é, apresentou dados relevantes que sustentaram sua argumentação, embora esses dados não tenham sustentado uma argumentação mais elaborada que fosse mantida do início ao fim. Os dados foram apresentados de forma superficial, não relacionada de forma argumentativa com os demais parágrafos do texto. Tais considerações mais profundas relacionadas à qualidade da escrita não foram utilizadas para a classificação do texto do aluno como bom. Nesse caso, levou-se

em conta que o aluno foi capaz de apresentar aspectos essenciais ao texto dissertativo. Outros aspectos essenciais relacionados ao texto foram a amarração entre os parágrafos (item 1.2) de forma a manter a unidade temática (item 2.2). O aluno também foi capaz de manter a mesma categoria de pessoa do discurso, o “nós” (item 2.3), utilizando para isso termos como “nossa” (primeiro e terceiro parágrafos), “vemos” (segundo paragrafo) e o próprio pronome pessoal “nós” na última sentença do texto. Ainda no parágrafo final, cumpriu com o item 1.3, apresentando uma sugestão para a problematização trazida em sua redação: debates mais frequentes nas escolas.

O único item não presente no texto do aluno está relacionado a um posicionamento crítico próprio sobre o tema apresentado. O texto da figura 1 cumpriu com cinco dos seis parâmetros de avaliação, sendo considerado, pois, um texto bom.

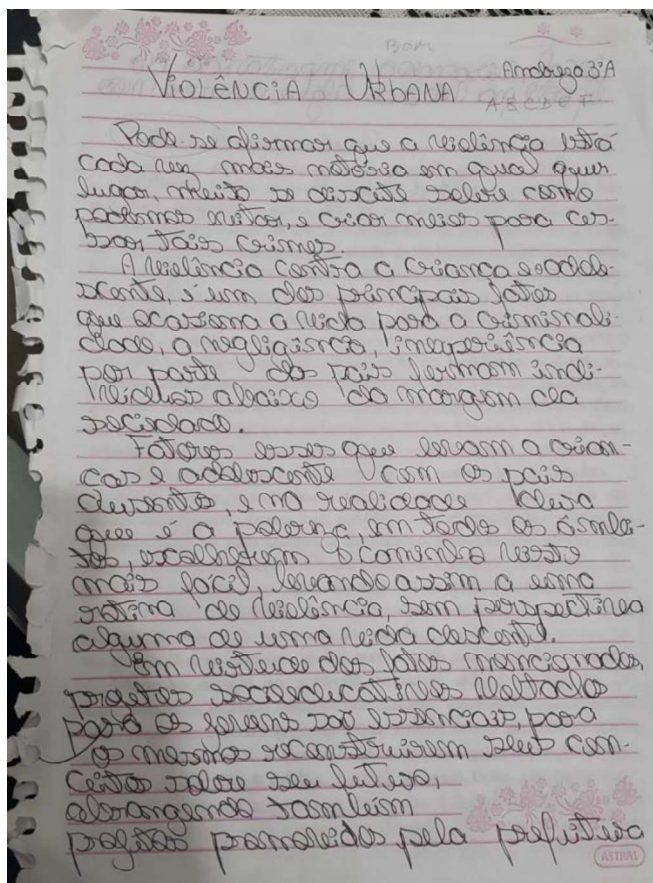


Figura 2

O texto da figura 2 apresenta cinco dos seis parâmetros de análise e classificação: 1.2 (amarração entre parágrafos), 1.3 (apresentação de sugestão para o problema), 2.1

(capacidade de crítica contundente), 2.2 (manutenção da ideia central) e 2.3 (manutenção da categoria de pessoa do discurso).

Apesar de ser considerado bom, mesmo nos parâmetros em que cumpriu o papel, o texto apresenta falhas, especialmente relacionado ao uso da pessoa do discurso. Embora durante maior parte do texto a aluna tenha se distanciado da pessoa do discurso, um sujeito indeterminado, no primeiro parágrafo ela se inclui como voz, havendo, portanto, uma irregularidade quanto ao posicionamento da voz do discurso. Levando em conta que a aluna pertence à faixa etária que argumenta em seu texto e à sua experiência pessoal relacionada ao tema central, consideramos o texto da aluna fiel à categoria de pessoa apresentada em sua redação, de forma que sua experiência social é fiel à problemática.

Mesmo sendo considerado bom, o texto não apresenta dados relevantes que dão legitimidade ao texto, nem apresenta estatística, resultados de pesquisas e estudos que fortaleçam a sua argumentação.

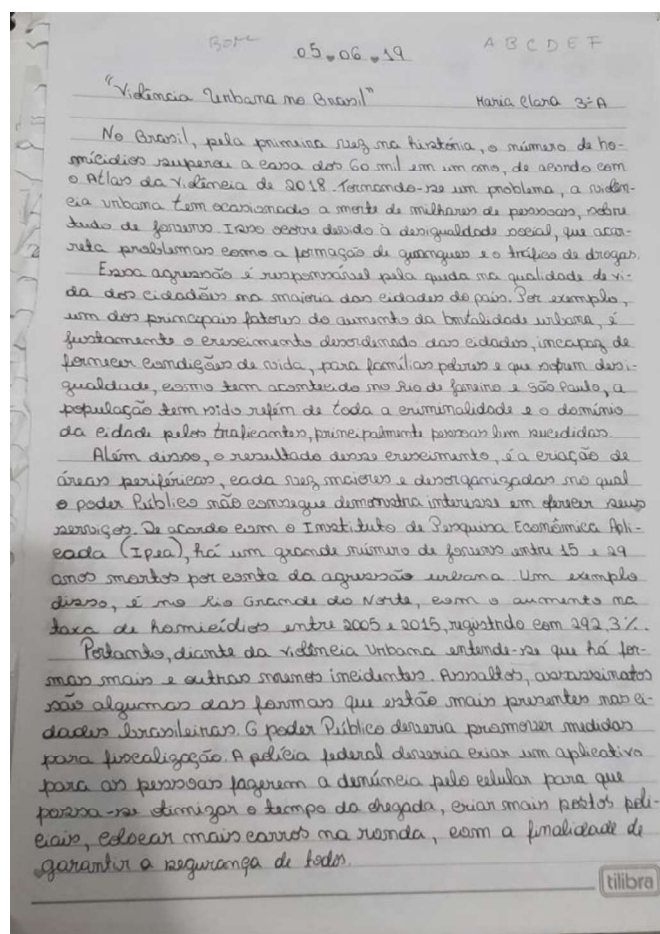


Figura 3

O texto da figura 3 apresenta todos os parâmetros de análise e classificação, sendo, portanto, o único dos textos analisados em que isso ocorre. A pessoa do discurso se mantém, bem como a unidade temática. Os parágrafos estão bem ligados, o texto está bem embasado, inclusive com dados relevantes retirados de fontes reais, fortalecendo sua argumentação. Ao final, a aluna foi capaz de sugerir soluções ao problema discutido.

3.2 Sobre os Textos Considerados Regulares

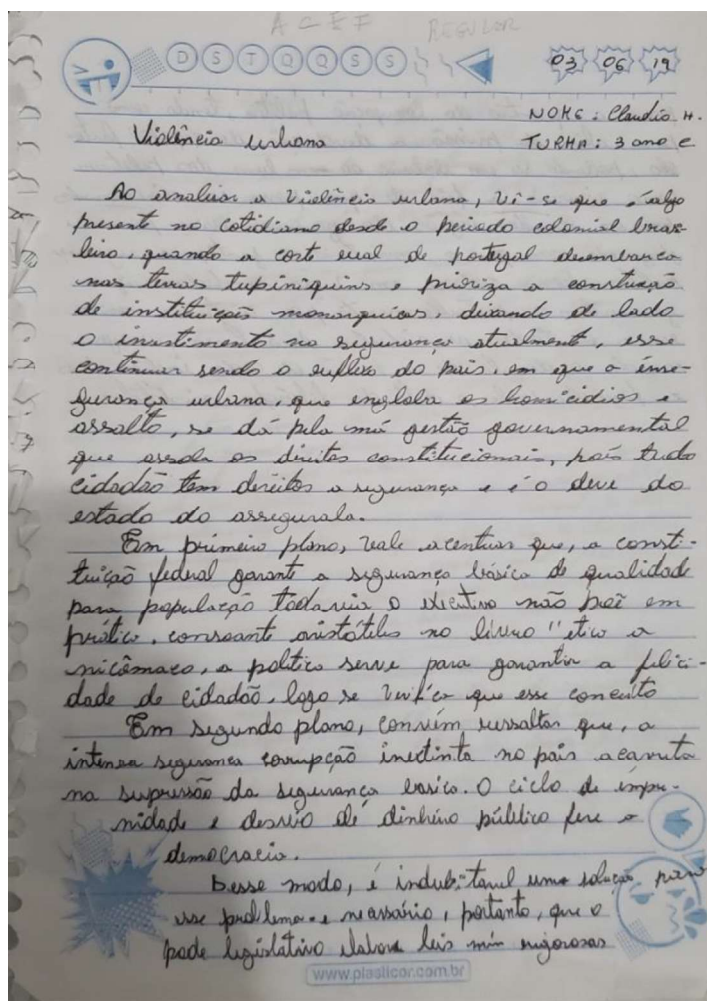


Figura 4

O texto da figura 4 apresenta quatro dos seis itens avaliativos: 1.2 (amarrção entre parágrafos), 1.3 (apresentação de sugestões para o problema), 2.1 (capacidade crítica) e 2.3 (uso regular da mesma categoria de pessoa).

Embora seja considerado regular, o texto tem seu conteúdo comprometido pela ausência de dados relevantes e pela fuga ao tema proposto. Vale aqui destacar a tentativa do

aluno de trazer uma perspectiva histórica ao seu texto, o uso de locuções adverbiais para iniciação do segundo e terceiro parágrafos, consciente da relação temporal de seu uso. Mesmo que as locuções não tenham sido eficientemente selecionadas – poderiam ter sido utilizadas “Em primeiro lugar”, “Em segundo lugar” [...] – existiu uma tentativa de escrita mais formal e complexa, possivelmente fruto de outras leituras do aluno.

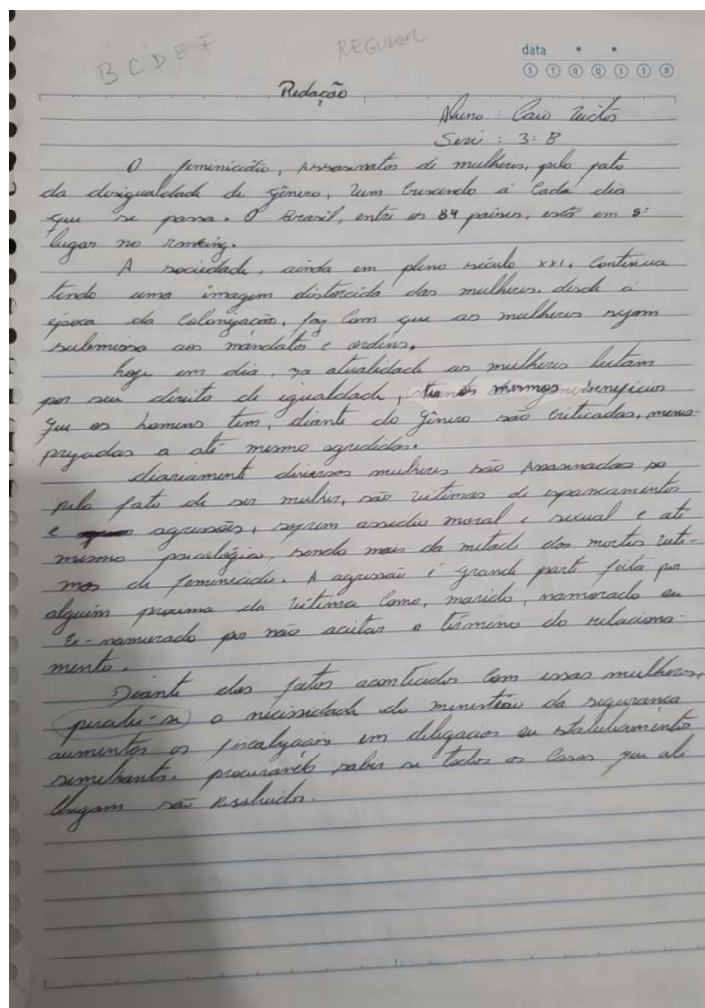


Figura 5

O texto da figura 5 apresenta cinco dos seis itens avaliativos: 1.1 (apresentação de dados relevantes), 1.2 (amarração entre parágrafos), 1.3 (apresentação de sugestões para o problema), 2.2 (manutenção da ideia central) e 2.3 (uso regular da mesma categoria de pessoa do discurso).

Em seu texto o aluno apresenta no primeiro parágrafo dados de um *ranking* que coloca o Brasil em quinto entre oitenta e quatro países pesquisados, mas não informa o tipo

de pesquisa ou o problema analisado, supondo, em consonância com o tema proposto na redação, que a pesquisa trate de violência contra mulheres.

O aluno também não apresenta um posicionamento crítico em relação ao tema.

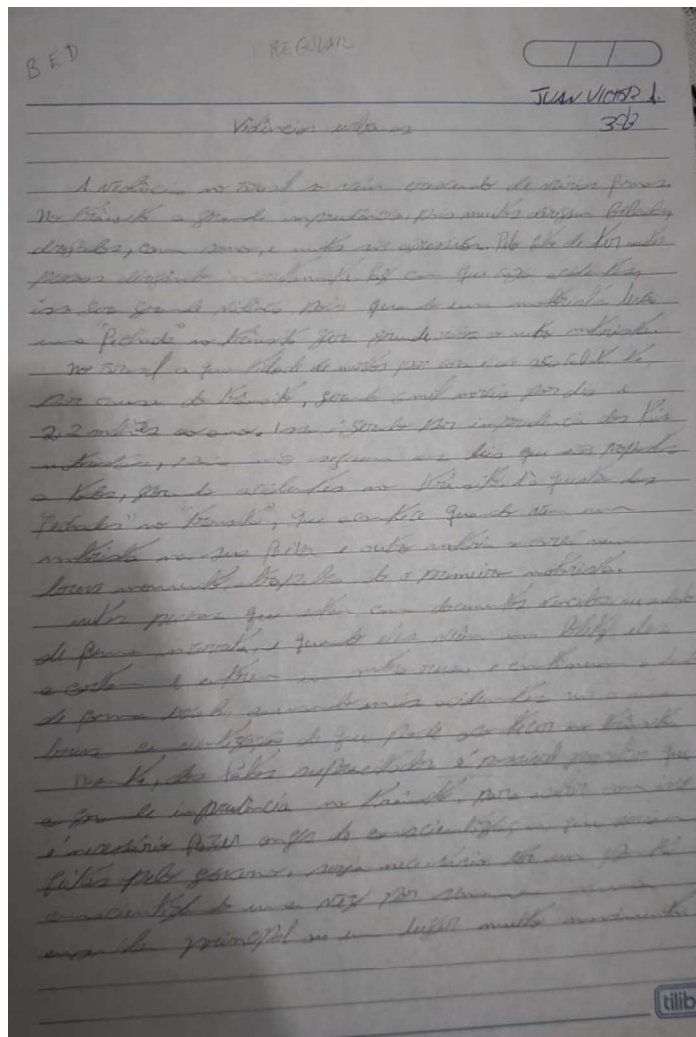


Figura 6

O texto da figura 6 apresenta quatro dos seis itens avaliativos: 1.1 (apresentação de dados relevantes), 1.3 (sugestão de mudança), 2.2 (manutenção da ideia central) e 2.3 (uso contínuo da mesma categoria de pessoa do discurso).

Um ponto a ser observado nesse texto é que, ao lê-lo, supõe-se que o tema proposto seja violência no trânsito, em consonância com o tema real, que é violência urbana. Aqui não se pode dizer que houve fuga ao tema principal, já que violência no trânsito é apenas uma característica da violência urbana presente no país. Do início ao fim o aluno manteve a unidade temática. Faltou ao texto um posicionamento crítico e ainda um problema de

integração entre os parágrafos: o terceiro parágrafo parece ser complemento do segundo. No final, o aluno sugeriu ações de mudança.

3.3 Sobre os Textos Considerados Fracos

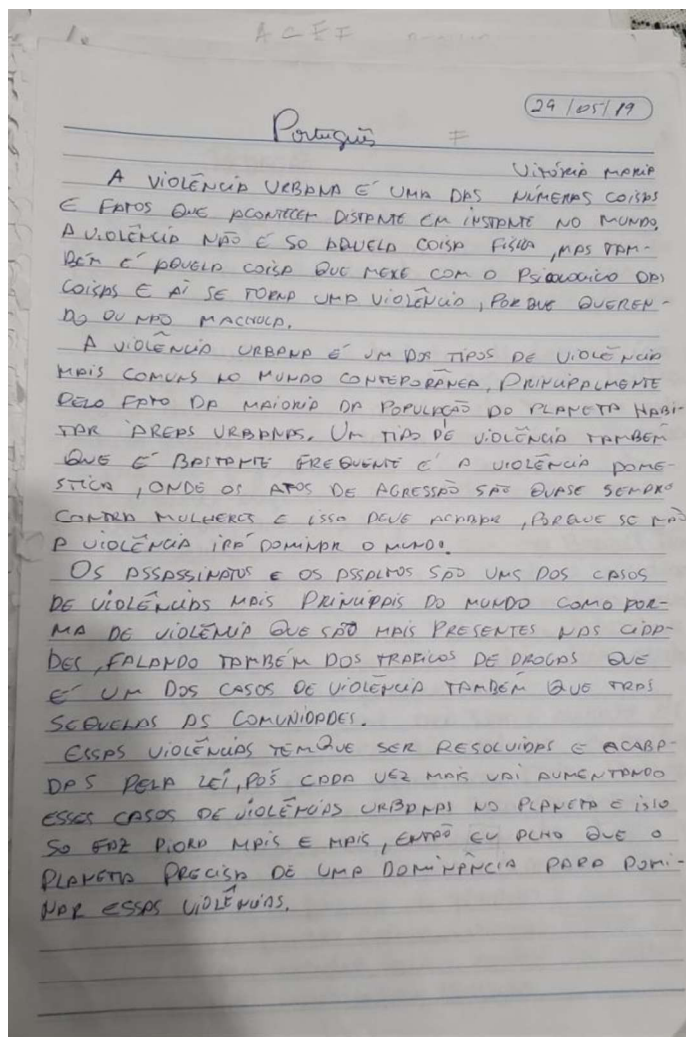


Figura 7

O texto da figura 7 apresenta apenas dois dos seis itens avaliativos: 1.2 (amarração entre parágrafos) e 2.2 (manutenção da ideia central). Faz falta uma argumentação, especialmente legitimada com dados reais advindos de instituições de pesquisas.

A aluna escreve de forma distanciada até o último parágrafo quando utiliza o pronome pessoal “eu” na concordância com o verbo “achar”. Ainda aqui, a escolha do verbo não imprime uma sugestão de mudança ou solução ao problema tratado ao longo do texto.

Aluna: Ana Karoline 3º-B DE 12.05.19

Atividade sobre Mulheres

A lei foi elaborada sob a inspiração do caso de assassinato cometido por uma farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes, que espancada constantemente e sofreu vários episódios de violência durante anos de casamento.

Então foi uma motivação para a criação da lei Maria da Penha, foi criada mecanismo para combater a violência doméstica e familiar contra a mulher nos termos do art. 226 da Constituição Federal sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e de ~~praticar~~ também de feminicídio, estupro, entre outros.

O feminicídio é definido como o homicídio simples ou qualificado contra a mulher, sem contar que a esse tempo que passou a morte das mulheres que morreu em legítima defesa.

Com isso foi criada a lei Maria da Penha que foi feita para defender as mulheres de morte e outros outros casos que além ~~de~~ atentando ~~contra~~ o tempo.

Figura 8

O texto da figura 8 apresenta os itens avaliativos 2.2 (manutenção da ideia central) e 2.3 (regularidade da pessoa do discurso).

Embora tenha feito uso de dados oficiais para enriquecimento do texto, este não apresenta nenhum tipo de argumentação crítica a partir desses dados. A aluna escreve o que sabe sobre o tema sem, com isso, emitir discurso próprio. A não emissão de discurso próprio também contribuiu para a regularidade do sujeito, que se mantém distanciado.

D E

77

REDAÇÃO

O assunto que vamos abordar aqui, é um assunto delicado: em pleno século XXI, a violência contra a mulher só está aumentando. País ainda tem uma sociedade muito machista em nosso País.

Muitas mulheres são tratadas de forma inadequada, tem mulheres sendo espancadas, maltratadas, desrespeitadas. A mulher ela tem um valor muito grande na sociedade, mas ninguém reconhece o que ela faz, o mundo e a sociedade está totalmente diferente, o mundo não tem mais harmonia, amor e paz.

A violência contra a mulher no Brasil tem um número muito grande de mortes e suicídios. A mulher tem um papel muito importante na sociedade, lutar pelo direito dela pela sua liberdade que ela tem o direito de ter, além disso acabar com o machismo e o feminicídio.

As mulheres em geral, não tem o direito de sofrer agressões físicas ou verbais, a mulher na sociedade ela é como uma pedra preciosa, a mulher não veio ao mundo para ser espancada, agredida, abusada etc. Deus não só fez o homem mais também a mulher, temos que deixar a diferença de gêneros e nos unir. País somente juntos conseguiremos vencer o machismo e o feminicídio, pois a mulher não merece apenas igualdade mais também respeito.

Figura 9

O texto da figura 9 apresenta apenas três dos seis itens de avaliação: 1.2 (amarração entre parágrafos), 2.2 (manutenção da ideia central) e 2.3 (regularidade da pessoa do discurso).

O texto está escrito em primeira pessoa do plural que dá-lhe característica pessoal ao discurso. Nesse sentido, o aluno é capaz de emitir opinião, mesmo que não tenha apresentado dados ou argumentos relevantes que legitimem sua posição sobre o tema.

Apesar de haver integração entre os parágrafos, o último não apresenta uma conclusão bem definida e nem uma solução ao problema discutido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui feitas mostraram que os alunos, mesmo que no último ano do ensino médio regular, ainda apresentam críticas deficiências ao escrever. É importante ressaltar que as análises não levaram em conta aspectos gramaticais, por exemplo, relacionados à ortografia, a concordâncias, a pontuações etc.; aqui o importante foi perceber que aspectos essenciais para uma escrita, seja ela intencionada ou não, como o posicionamento discursivo – aqui está relacionado ao uso correto e contínuo da categoria de pessoa do discurso, da noção de autor –, a manutenção da unidade temática, o propósito comunicativo, o meio de circulação etc. As mesmas análises nos mostraram que os alunos têm dificuldade para entender a função social do gênero redação, que no Brasil, mesmo ampla e majoritariamente usada nos vestibulares e nas escolas em propósito desses testes, é também importante no processo de amadurecimento da escrita e por estimular um posicionamento contundente do autor ao que escreve, sendo capaz de exercer uma função crítica com base em referências legítimas, isto é, não apenas baseadas em opiniões pessoais sem qualquer preocupação social, mas de uma escrita engajada e bem referenciada por outras fontes.

As deficiências constatadas neste trabalho nos levam de volta ao que escreveu Gustavo Bernardo quando diz que o problema está em “quando o aluno tem de escrever e não sabe como começar. Na realidade, nem como começar, como fazer o meio e como terminar.” (2012, p. 10).

Existem muitas estratégias utilizadas nas escolas e nas universidades que têm a intenção de melhorar os textos dos alunos, como a reescrita, mas é essencial entender que o mito de que escrever é uma questão de técnica não cabe mais na realidade sócio-discursiva que as teorias atuais vêm apontando. É preciso, principalmente, que o aluno termine o ensino regular consciente minimamente de que o seu desempenho linguístico não está relacionado a como ele escreve, lê ou constrói discursos, mas a como cria a consciência de gêneros textuais e é capaz de utilizá-los conscientemente, a depender da estância de realização e do propósito comunicativo; e a também ser capaz de compreender sua função de autor, de comunicador e de responsável por tudo o que expõe linguisticamente.

Faz-se necessário entender que a formação da individualidade é diretamente influenciada pelas experiências sociais e que, para o aluno desenvolver processos individuais de criação ou expressão, é preciso que esteja em constante contato com as variedades culturais da sociedade em que está inserido. Isso quer dizer que a autoria, resultado da individualidade, está em constante contato com as manifestações culturais. É

importante pensar que as manifestações individuais, quando registradas verbalmente, especialmente pela escrita, pode converter-se em manifestações sociais a partir do momento em que o autor elege o gênero, define sua função social, ou seja, a que propósito ele – o texto – serve, e seus destinatários. Na maioria dos casos, quem escreve espera por leitores. É o que explica Bakhtin (2003) ao afirmar que a linguagem é intrínseca à interação entre sujeitos.

Os resultados mostraram que 23% das redações (equivalentes a três do total de redações analisadas) foram consideradas boas, 30% foram consideradas regulares e 47% foram consideradas fracas. Se levarmos em consideração que os textos considerados regulares não apresentaram um posicionamento crítico enquanto autor pelos alunos, podemos constatar que 77% dos alunos não foram eficientes nos seus textos, ou seja, foram incapazes de exercer eficientemente o seu papel enquanto aluno e ser social munido de um discurso consciente e bem referenciado. O resultado sugere que a maioria dos alunos sai da escola sem a consciência do que escreve e de seu papel de agente modificador de sua realidade social.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1988.
- _____. (1989). O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral. Vol. II**. Trad. de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, p. 81-90.
- BERNARDO, G. **Redação inquieta**. Rio de Janeiro: Rocco digital, 2012.
- DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FERREIRA JÚNIOR, J. T. Teoria de Benveniste sobre a personalidade. In: FERREIRA JÚNIOR, J. T. **A criança autista na linguagem: da categoria de pessoa à singularidade do sujeito no processo de enunciação**. Tese de doutorado em Linguística. Universidade Federal da Paraíba, 2014.

FLORES, V. do N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.